

“LAMPIÃO DA ESQUINA”: UM VEÍCULO JORNALÍSTICO VOLTADO PARA O PÚBLICO GAY MASCULINO ANALISADO À LUZ DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

“LAMPIÃO DA ESQUINA”: A JOURNALISTIC VEHICLE DESTINED TO THE MASCULINE GAY COMMUNITY ANALYZED THROUGH THE SEMIOLINGUISTIC THEORY

Fábio Ávila Arcanjo (UFMG)¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar um importante jornal brasileiro de resistência, que se chama *Lampião da esquina*. O periódico circulou entre 1978 e 1981, época em que o Brasil enfrentava um regime ditatorial, no qual os grupos minoritários eram silenciados por um estado de coisas repressor e intolerante. Nosso texto privilegiará a primeira edição do jornal, nomeada de *edição zero*, e utilizaremos como principal aporte teórico o trabalho de discursivização da mídia operado pelo teórico francês Patrick Charaudeau. As categorias escolhida para a análise são originárias da teoria semiolinguística de Charaudeau, com ênfase no modo de organização argumentativo.

Palavras-chave: Semiolinguística. Jornal. Ditadura. Homossexualidade. Modo argumentativo.

Abstract: *The present article has as objective analyzes an important brazilian newspaper of resistance called Lampião da esquina. The newspaper circulated between 1978 and 1981, time in that Brazil faced a dictatorial regime, in which the minority groups were silenced by a repressing and intolerant state of things. Our text will privilege the first edition of the newspaper, nominated of edition zero, and we will use as main theoretical contribution the work of discursivization of the media operated by french theoretical Patrick Charaudeau. The categories chosen for the analysis are original of the theory Semiolinguistic of Charaudeau, with emphasis in the argumentative organization way.*

Keywords: *Semiolinguistic. Newspaper. Dictatorship. Homosexuality. Argumentative way.*

¹ Graduado em comunicação social com ênfase em jornalismo e mestre em linguística do texto e do discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. É doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pela UFMG, onde desenvolve pesquisas em Análise do Discurso, a partir de temas como cinema, documentário, argumentação, retórica, memória, testemunho e holocausto.

INTRODUÇÃO

A partir do final da década de 1950, é possível perceber certa efervescência de movimentos progressistas ao redor do mundo. Era notório, que tais iniciativas, notadamente culturais, traziam uma forte conotação sexual, um literal "gozo" libertador de amarras impostas por um estado de coisas, segundo os idealizadores de tais movimentos, retrógrado e opressor. É curioso pensar que, de alguma forma, certos valores comportamentais e morais começam a ser construídos discursivamente mediante obras acadêmicas. Nesse sentido, chamamos a atenção para o trabalho do filósofo alemão Herbert Marcuse, que, em 1955, lançou "Eros e civilização", uma aproximação das ideias marxistas, cultuadas pela Escola de Frankfurt, com a psicanálise de viés freudiano.

Pode-se afirmar que o mencionado livro se inseriu em uma formação discursiva propícia para impulsionar iniciativas transgressoras e revolucionárias, como o aclamado festival Woodstock, além da contracultura hippie, que encontrou ressonância, tanto no cinema, em obras emblemáticas como *Easy Rider*, de Dennis Hopper e *Midnight Cowboy*, de John Schlesinger, ambas produzidas em 1969, como na literatura com os *beatniks* – movimento que se notabilizou em criticar o chamado *american way of life*, e que tinha como principais líderes, autores como Allan Ginsberg e Jack Kerouac. Seria pertinente afirmar que a geração orientada a *fazer amor* entrou na chamada *Era de Aquário*. O lema *paz e amor*, discursivizado mediante o mecanismo de *participação* – tipo de citação que apresenta certa autonomia, sendo "reconhecida como tal pelos alocutários, sem que o locutor que a cita indique sua fonte e nem mesmo deixe claro que ele efetua uma citação por intermédio de um verbo *dicendi* introdutor, de um inciso etc." (Maingueneau, 2008, p. 94) – era uma espécie de mantra entre os entusiastas de tais movimentos.

Entretanto, ao contrário do que o prólogo parece suscitar, a adesão a tais valores revolucionários não se mostrou plena. Por serem considerados contradiscursos, eles se inserem em um cenário de embate, culminando, muitas vezes, em acontecimentos trágicos. Como nosso artigo está focado nas lutas travadas pela comunidade LGBT, dois incidentes internacionais marcantes destaque: A rebelião de Stonewall – notório contradiscurso desenvolvido por homossexuais e simpatizantes, que, impulsionados pelas repressões das

autoridades americanas, cujo estopim foi o ataque policial ao bar Stonewall Inn, localizado em Nova York, no dia 28 de junho de 1969, realizaram uma série de manifestações contestando um sistema que buscava a repressão e o apagamento das diferenças. É considerado um momento-chave para o fortalecimento de uma militância – e o assassinato do congressista americano Harvey Milk – primeiro homem assumidamente gay a ocupar um cargo político nos Estados Unidos. Ele foi eleito supervisor do estado da Califórnia, pelo partido Democrata, no ano de 1978. No mesmo ano, Milk acabou sendo assassinado.

Trazendo a discussão para a nossa realidade, o que, na verdade, é o foco do artigo, no Brasil, a partir de 1964, teve início uma ditadura militar, que, de alguma forma, era constitutivamente contrária aos valores progressistas cultuados ao redor do mundo, principalmente em países como Estados Unidos e França. É possível perceber que uma saída encontrada pelas pessoas contrárias ao regime, para manifestar seu descontentamento, se deu através de jornais como *movimento*, *opinião*, *pasquim*, entre outros, pertencentes à chamada *imprensa nanica* – formada por jornais de contestação de cunho militante esquerdista, que funcionavam como porta-vozes de grupos excluídos do sistema político, como operários, homossexuais e mulheres. O presente artigo se inscreve na atuação editorial de um grupo de homossexuais brasileiros, que, em 1978, fundou o jornal *Lampião da esquina*.

Através desse veículo midiático, buscaremos problematizar, à luz da *teoria semiolinguística* de Patrick Charaudeau, algumas questões concernentes ao direcionamento proposto pelos realizadores do jornal. Tentaremos situar o *Lampião da esquina* dentro da lógica pensada pelo linguista francês, em seu livro *O discurso das mídias*, além de nos municiarmos de categorias do modo de organização argumentativo, presente no importante livro *Linguagem e discurso*. O foco da análise estará centrado na primeira edição do jornal, intitulada número zero e considerada experimental. O periódico chegou nas bancas em 1978.

1. Condições de produção

Quando se pensa na ordem do discurso, os regimes militares se notabilizam pela tentativa de marcar os discursos circulantes através de uma lógica monofônica. Isso se dá por meio de um silenciamento, que se manifesta, citando Eni Orlandi

(1997, p. 77), mediante o mecanismo de *silêncio local*, no qual há a “produção do interdito, do proibido”. Uma das ressonâncias dessa categorização, ainda em Orlandi (1997), surge através da *censura*. Entretanto, existe uma “válvula de escape” nessa interdição, no sentido de que o sujeito, operando em uma *margem de manobra*, consegue “perturbar” essa monofonia, construindo um contradiscurso de resistência. Façamos a ressalva de que esse ato não é dotado de originalidade pura, pois nosso lugar de fala nos coloca na posição de refutar a posição cartesiana de sujeito, ou seja, aquele que é origem do sentido. Em contrapartida, também não comungamos do total assujeitamento do indivíduo, justamente em função das estratégias comunicativas formuladas por Charaudeau e que se enquadram, justamente, no mencionado espaço de manobra, que, segundo o pesquisador francês ilustra a possibilidade de o sujeito realizar “seu projeto de fala pessoal (...) que lhe permite manifestar um ato de individuação” Charaudeau (2012, p. 71). Vale lembrar que, em nosso *corpus*, essa margem possui um espaço de inscrição mais dificultado, em função do regime político opressor.

O jornal *Lampião da esquina* circulou entre os anos de 1978 e 1981, totalizando 41 edições, incluindo uma edição zero e três edições extras. Ele se notabilizou por lidar com a temática gay em um mecanismo nomeado pelo pesquisador americano Bill Nichols de *Eu falo – ou nós falamos – de nós para você*. O autor, ao desenvolver esse conceito, se refere à *mise-en-scène* do gênero documentário em que há um embaralhamento das fronteiras existentes entre o entrevistado e o diretor, no sentido de que este último se enquadraria na temática proposta por determinado discurso fílmico documental. No caso do jornal, temos homossexuais escrevendo textos cujas temáticas giram em torno de questões relacionadas à comunidade LGBT.

A pergunta a ser feita: quem são as pessoas que compõe o *nós*? São, ao todo, onze responsáveis, nomeados na edição zero de *senhores do conselho*. A iniciativa partiu do advogado e jornalista João Antônio Mascarenhas, que era assinante de um revolucionário jornal americano chamado *Gay Sunshine*, editado por Winston Leyland na emblemática cidade de San Francisco. Mascarenhas começou a se corresponder com Leyland, o que motivou o americano a conhecer o Rio de Janeiro, no ano de 1977. A partir dessa vinda, a ideia de construir um jornal

temático ganhou força. Mascarenhas se juntou com outros dez profissionais para viabilizar o projeto. São eles: Peter Fry, antropólogo inglês; João Silvério Trevisan, escritor; Aguinaldo Silva, escritor e jornalista; Darcy Penteado, artista plástico; Antônio Chrysóstomo, jornalista; Clóvis Marques, jornalista e tradutor; Francisco Bittencourt, poeta e crítico de arte; Gasparino Damata, jornalista; Adão Costa, jornalista; e Jean-Claude Bernardet, escritor e crítico de cinema.

De acordo com João Silvério Trevisan, em depoimento concedido ao documentário *Lampião da esquina* – produzido em 2016 e dirigido por Livia Perez e Noel Carvalho –, a homossexualidade, no final dos anos 1970, era tratada através de uma visão sensacionalista e deturpada. O escritor nos revela que o único veículo midiático, que trazia reportagens relacionadas à homossexualidade, era o jornal de São Paulo *Notícias populares*, sendo o cunho totalmente negativo com manchetes como *Cinco travestis detidos na república do Líbano*; *Travesti assassinada a tiro de espingarda na av. Indianópolis*; e *3 homossexuais presos após assalto*. Contudo, apesar da enviesada linha editorial desse jornal, que, devemos atestar, era utilizada inclusive por veículos alternativos, como *O pasquim* – o cineasta Luiz Carlos Lacerda, em entrevista presente no documentário mencionado, denuncia o cunho preconceituoso do *pasquim*, ilustrando seu pensamento com uma fotonovela, publicada pelo jornal, que fazia piada a respeito da morte do cineasta gay italiano Pier Paolo Pasolini –, existiam tentativas de contra argumentação. Citemos dois exemplos ilustrados pelos autores James Green e Ronald Polito (2006, p. 155).

Em 1963, Agildo Guimarães editou uma das primeiras publicações para homossexuais masculinos no Brasil: *O Snob*. A expressão foi escolhida porque, segundo ele, “era muito usada pelas bichas naquela época”. Para a realidade brasileira, pode-se dizer que o jornal teve vida longa: com 99 números regulares e uma edição “retrospectiva”, foi publicado de julho de 1963 a junho de 1969, ano em que o endurecimento do regime militar levou à sua extinção.

Segundo os autores, *O Snob* trazia conteúdos como concurso de contos, colunas de fofocas e entrevistas com travestis, ou seja, havia uma leveza inicial na abordagem, que foi se perdendo ao longo dos anos subsequentes, com a necessidade de “discutir problemas relativos à realidade brasileira” (ibid.). O segundo exemplo a ser salientado não era um veículo de comunicação, mas, sim, uma coluna localizada em um jornal de grande circulação da cidade de São Paulo.

Em fevereiro de 1976, passou a circular no Brasil a primeira coluna jornalística especificamente para homossexuais. Com um título de duplo sentido e bom humor, a “Coluna do Meio” era assinada pelo jornalista Celso Cúri, no jornal *Última hora*, de São Paulo. A coluna fez tanto sucesso que impulsionou a circulação do jornal. Nela eram divulgados comentários sobre homossexuais famosos do país e do exterior, notícias de bares e clubes noturnos para gays no Rio e São Paulo. O jornalista recebia inúmeras cartas enviadas de todo o país, e uma seção de classificados pessoas chamada de “Correio elegante” tornou-se particularmente popular (GREEN E POLITO, 2006, p. 167).

O que se pode atestar é uma efervescência do movimento gay no país, sendo os dois casos comentados, um pequeno recorte de uma quantidade acentuada de reportagens, veículos midiáticos e manifestações culturais, que compunham o imaginário homossexual circulante no período. A repercussão era tão significativa que motivou Green e Polito a adjetivar o período com o epíteto: *O Gay Power chega ao Brasil. Lampião da esquina* teve um papel importante nessa tentativa de romper com o silenciamento, ou, melhor dizendo, de contra argumentar a visão obstruída. O título já se mostra jocoso ao construir uma ambiguidade entre o ícone da masculinidade – Virgulino Ferreira da Silva, figura notória do *Cangaço*, e o lampião utilizado para acender, ou seja, para trazer luz. A *esquina* atestaria o caráter fronteiro, no sentido de margem. João Silvério Trevisan, no documentário citado, sintetiza de forma curiosa o papel exercido pelo jornal: “Com licença, esquerda e direita, aqui estamos”.

2. Projeto de fala e contrato de comunicação

Em Charaudeau (2012) encontramos um quadro de referência para a categorização do objeto contemplado no presente artigo. O autor o nomeia de os *três lugares da máquina midiática*, que são a *produção*, *produto* e *recepção*. Segundo o pesquisador, há uma troca entre as instâncias. Para ele, “todo sujeito falante (locutor) ocupa o centro de uma *situação de comunicação* que constitui um *espaço de troca* no qual ele se põe *em relação* com um parceiro (interlocutor)” (2012, p. 70). Na encenação discursiva:

O locutor, mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela *situação de comunicação*, utiliza *categorias da língua* ordenadas nos *modos de organização do discurso* para produzir sentido, através da configuração de um texto (2012, p. 75).

Na instância produtiva, o linguista destaca dois espaços: *externo-externo* e *externo-interno*. O primeiro “é o espaço da hierarquização do modo de trabalho de cada organismo midiático, seus modos de funcionamento e de contratação, suas escolhas de programação” (2012, p. 24). O segundo, por seu turno, compreende a esfera prática, e “também se acha pensado e justificado por discursos de representação sobre o ‘como fazer e em função de qual visada’ – para um destinatário que pode ser cogitado apenas como alvo ideal, receptivo, embora impossível de dominar totalmente” (2012, p. 25).

Os espaços citados anteriormente também se enquadram na esfera das condições de recepção. No *interno-externo* temos a presença do “destinatário ideal – aquele que é imaginado pela instância midiática como suscetível de perceber os efeitos visados por ela (...) esse espaço não é mais do que o lugar dos *efeitos esperados*” (2012, p. 26). No *externo-externo* “se encontra o receptor real, o público, a instância de consumo da informação midiática, que interpreta as mensagens que lhe são dirigidas segundo suas próprias condições de interpretação” (ibid.).

Alinhando as questões apresentadas, faz-se necessário analisar a presença de um jornal como *lâmpião da esquina*, na dinâmica de troca entre a produção e a recepção. Acreditamos que esses mecanismos estão inseridos no dispositivo criado pelos produtores para a produção do conteúdo do jornal. O fato de todos serem homossexuais é importante, mas a tentativa de se inserir no mercado editorial trazendo os valores culturais, comportamentais e políticos dos gays é o ponto nevrálgico para a compreensão da dinâmica existente entre *os lugares da máquina midiática*. Os *sujeitos enunciadore*s não são apenas homossexuais, mas, conforme foi apresentado no início do artigo, são sujeitos engajados culturalmente. Isso, de alguma forma, faz diferença se pensarmos na esfera de recepção, pois o que se pretende é reunir uma gama de leitores, e isso é revelado no documentário homônimo, que não apenas se sensibilize com a luta por reconhecimento – isso no caso dos potenciais simpatizantes –, mas, também, se identifique com os relatos apresentados nas edições. O que não se pode desconsiderar, quando se fala em recepção, é que há um *gap* entre a projeção (efeitos visados) e a concretização (efeitos produzidos). Nosso lugar de fala nos orienta a voltar o olhar para a primeira categoria.

O lugar da construção do produto é vivificado através de um *projeto de fala* posto em cena por um sujeito falante, que, obrigatoriamente, se inscreve em cenário de restrição delineado pelo *contrato de comunicação*. Segundo Charaudeau (2012, p. 71):

Contrato de comunicação e projeto de fala se completam, trazendo, um, seu quadro de restrições situacionais e discursivas, outro, desdobrando-se num espaço de estratégias, o que faz com que todo ato de linguagem seja um ato de liberdade, sem deixar de ser uma liberdade vigiada.

Como pensar essas duas categorias, a partir do funcionamento discursivo do *Lampião da esquina*? O termo *espaço de estratégias*, presente na citação anterior, nos permite pensar na resposta para essa pergunta. O *contrato de comunicação* de um jornal impresso, de alguma forma, é bem delimitado: necessidade de ser informativo; linguagem fluida, variável com o público projetado; presença de entrevistas; reportagens com fontes que apresentam, ou almejam apresentar, representatividade e notoriedade; veracidade informativa. Charaudeau (2012, p. 55) chama a atenção para o fato de que “as provas da verdade, ou melhor dizendo, da veracidade de uma informação são, igualmente, da ordem do imaginário, isto é, baseadas nas representações de um grupo social quanto ao que pode garantir o que é dito”.

O *projeto de fala*, por sua vez, consiste em reunir uma equipe de homossexuais engajados politicamente para tentar romper o silenciamento, consequência de uma sociedade que se mostrava intolerante às diferenças. Esse projeto, de alguma forma, transgressor, pode influenciar em eventuais quebras contratuais com o gênero discursivo no qual o *Lampião da esquina* se inscreve.

Um último ponto a ser destacado, pensando no espaço de estratégias, gira em torno das duas visadas apontadas por Charaudeau e que se apresentam circunscritas na finalidade do contrato: *visada de informação* e *visada de captação*. O linguista francês afirma que a primeira, da esfera do *fazer-saber*, “tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica: informar o cidadão” (2012, p. 86). Por outro lado, a *captação* pertence à esfera do *fazer-sentir*, “que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência” (ibid.). Uma questão pertinente a ser apontada é que as duas visadas não se apresentam estanques, ou seja, a *captação* se posicionando

exclusivamente na *publicidade* e a *informação*, nos periódicos ou revistas. Em *Lampião da esquina*, como em qualquer outro veículo midiático, existe um *continuum*. O jornal em questão concilia a captação/sedução, ou seja, a necessidade de atrair potenciais leitores com a *missão cívica* de informar. Nossa amostragem é reduzida, voltada apenas para a primeira edição, mas, tentaremos ensaiar algumas questões apontadas anteriormente.

3. Número zero

Pensando nos modos de organização do discurso e partindo do princípio de que há uma necessidade dos sujeitos falantes, responsáveis pela produção do *Lampião da esquina*, “marcarem um território”, ou seja, romperem com a interdição vigente, escolhemos o modo *argumentativo* como nosso principal referencial, embora saibamos que os outros modos de organização também se fazem presentes. Nomeada de experimental – número zero, a edição inaugural circulou comercialmente em abril de 1978. As matérias de capa são: *Celso Cúri processado, mas qual o crime deste rapaz?*; *Homo eroticus: um ensaio de Darcy Penteados*; *Duelo de machões: Nureyev vs Cassius Clay*; *Uma noite no cinema Iris*; e *Exclusivo: Garcia Lorca também assume*. Tais chamadas são significativas, pois são o ponto de partida, isto é, o primeiro olhar do potencial leitor se deu a partir desses títulos. Aqui, há a visada de informação, porém, é proeminente a presença da visada de captação.

As escolhas para a capa projetam um alvo consumidor através de algumas características interessantes, organizadas mediante procedimentos discursivos que, a luz de Charaudeau (2012), primam pela *acumulação*, que “consiste em utilizar vários argumentos para servir a uma mesma prova” (Charaudeau, 2012, p. 241). Em nosso exemplo, partimos do princípio de que cada uma das reportagens e matérias, presentes no jornal, funcionam como argumentos que visam sedimentar um definido projeto de fala. Três estratégias nos parecem atestáveis: *argumento de autoridade*, a partir da convocação de dois nomes importantes no cenário LGBT brasileiro, como Celso Cúri e Darcy Penteados; *tematização cultural*, mediante a presença de ícones ligados à literatura – Federico Garcia Lorca (poeta e dramaturgo espanhol) –, dança – Rudolf Nureyev (bailarino russo) – e artes plásticas, com o próprio Darcy

Penteados, além de uma reportagem chamando a atenção para uma experiência vivenciada em um famoso cinema carioca; *argumentação polêmica*, através do mecanismo da *comparação*, na qual os editores fazem uma aproximação entre um símbolo da virilidade – Cassius Clay (boxeador americano) – com um ícone do refinamento e da sofisticação – Rudolf Nureyev.

A partir de todas essas chamadas, uma, a nosso ver, merece ênfase: Em *Exclusivo: Garcia Lorca também assume*, há um implícito que traz uma significativa força argumentativa. O item lexical *também* é polifônico, no sentido de evocar outras personalidades que, a exemplo do poeta espanhol, revelaram sua orientação sexual. Porém, existe um pormenor que não pode ser desconsiderado. Segundo a reportagem, a peça póstuma *El público*, que ficou escondida do grande público – segundo o redator da reportagem, a peça foi escrita em 1930, sendo publicada apenas em 1976 –, enquanto Lorca era vivo, trouxe uma espécie de confirmação acerca da sexualidade do artista. Nesse sentido, o *também* do título acaba impulsionando outra leitura, que parece alertar para a existência de inúmeras pessoas, que acabam morrendo sem conseguir viver plenamente a sua vida sexual. Vejamos o que *Lampião da esquina* tem a dizer sobre essa questão:

Lorca defende em *El Público* o amor em todas as suas acepções, o amor entre um homem e uma mulher, o amor homossexual, o amor franciscano entre um ser aniquilado e um inanimado como a rosa [...] É uma pena que só agora *El Público* chegue ao conhecimento do público. Ela permitirá que se discuta, num nível mais aberto – já que é ele próprio quem fala –, o problema da sexualidade de Lorca, tantas vezes reprimida, inclusive por ele (CHRYSÓSTOMO, 1978, p. 4).

Essa defesa do amor, exaltada por Chrysóstomo na análise da peça de Garcia Lorca, se inscreve a partir de uma contraposição com a repressão sexual. Essa subversão de um *domínio do ético* – analisado como um procedimento semântico, que atua na esfera do dever e da obrigação, definido “em termos de bem e de mal, o que devem ser os comportamentos humanos” (Charaudeau, 2012, p. 232) – se mostra presente já no primeiro texto do jornal, intitulado *Saindo do gueto*, que funciona como um editorial. Os autores afirmam:

Falando da discriminação, do medo, dos interditos, do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade, no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nessa realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas. [...] Lampião deixa bem claro o que vai orientar a sua luta: nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns nos querem impor – que a nossa

preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação, dentro do mundo em que vivemos (1978, p. 2).

Há, aqui, uma dobra, no sentido de formação de um contradiscurso. Os valores vigentes na época não eram cultuados pelos locutores do *Lampião da esquina*, nesse sentido, pensamos haver um hiato entre a *moral externa* – “regras de comportamento são impostas ao indivíduo pelas leis do consumo social” (2012, p. 232) e a *interna* – “o indivíduo dá a si mesmo suas próprias regras de comportamento” (ibid.). Com isso, podemos afirmar que há a desconstrução de um *domínio do ético* vigente, para a posterior viabilização de um novo tipo, mais tolerante com as diferenças. Existem, diante disso, duas convocações: a primeira seria direcionada para aqueles que se enquadram no lugar de fala, no sentido de que eles possam adquirir a consciência a respeito de sua posição na sociedade. A segunda é direcionada para os que se apresentam alheios às informações transmitidas pelo jornal.

Em *Nureyev vs Cassius Clay*, conforme destacamos no início do tópico, há uma aproximação polêmica entre dois ícones, de certa forma, opostos, no tocante às especificidades de suas atividades. A matéria assinada pelo escritor Aguinaldo Silva se inicia “na defensiva”, quando ele afirma que “a comparação pode parecer ofensiva tanto para os baletômanos, quanto para os amantes do box (sic)” (Silva, 1978, p. 12). O que ele parece fazer, usando uma estratégia retórica, é solicitar uma espécie de licença poética aos entusiastas das duas artes, para, em seguida, através do uso de uma adversativa, desenvolver sua argumentação mediante a análise de similitudes entre as duas personalidades.

É verdade que Rudy (abreviação do primeiro nome de Rudolf Nureyev), como o Ali das últimas lutas, já não exhibe todo o seu virtuosismo; ao contrário, ele o vem administrando de modo bastante avaro, mas sempre com eficiência: como fez o lutador até a derrota recente há sempre um momento, em suas apresentações, em que ele executa aquela pirueta a mais - e o público cai a seus pés, rendido. E por isso que tanto Nureyev quanto Cássius Clay vêm mantendo junto com outra meia dúzia de mitos igualmente mal comportados como eles, há vários anos, a supremacia dos seus nomes nos noticiários dos jornais. (SILVA, 1978, p. 12).

A categoria de análise mais pertinente a ser aplicada nessa reportagem, a nosso ver, é a *comparação*. De acordo com Charaudeau, tal categoria se insere na

Qualificação, porque quase sempre as *propriedades* são focalizadas para que sejam destacadas a semelhança ou dessemelhança entre elas; e

participa da *quantificação*, porque ora se comparam quantidades, ora se faz uma comparação graduada de propriedades (CHARAUDEAU, 2012, p. 237).

É interessante destacar que a matéria de Silva se constrói mediante uma comparação graduada, no sentido de estabelecer pontos de contato no trabalho conduzido pelo bailarino, em perspectiva ao do boxeador. O que temos é uma espécie de radiografia de similaridades. Não parece haver a tentativa de igualar plenamente os dois artistas, mas, ao contrário, perceber intercessões na diferença estrutural. Dos quatro tipos de *comparação* levantados por Charaudeau – *por semelhança, por dessemelhança, objetiva, subjetiva* –, a última nos apresenta mais condizente por “proceder de uma analogia mais ou menos imagética, destinada a produzir no interlocutor uma evidência” (Charaudeau, 2012, p. 238). O que justificaria a asserção é, justamente, a percepção imagética do comportamento de Cássius Clay no ringue de boxe, em perspectiva com a atitude de Rudolf Nureyev durante suas apresentações.

Em uma reportagem de duas páginas, *Lampião da esquina* nos relata a trajetória de lutas enfrentadas pelo jornalista e produtor cultural Celso Cúri, em decorrência das polêmicas geradas com a sua *Coluna do meio*, presente no jornal paulista *A última hora*. A partir do título da matéria – *Demissões, processos e perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri?* – destacamos um caráter de retoricidade, aliado à categoria discursiva do *questionamento argumentativo*. A reportagem apresenta mensagens direcionadas à redação do *A última hora*, em que percebemos a presença de diversos locutores, com vários e conflitantes pontos de vista. Abaixo, destacamos duas mensagens notoriamente antitéticas.

Queremos expressar nossa imensa satisfação a este prestigioso e pioneiro jornal, pela criação da Coluna do Meio. Era o que faltava. Afinal, não somos marginais, nem doentes, como muitos [...] Viados, escrotos, raça maldita. Vou acabar com vocês. Eu vomito quanto penso em vocês (1978, p. 6).

A estratégia de apresentar, através da *acumulação*, diversos enunciadores, com inúmeros locutores, parece ter sido utilizada para “preparar o terreno”, no sentido de narrar o que é mencionado no título da reportagem. O que temos, a partir daí, é uma *descrição narrativa*.

Celso Curi foi despedido do jornal *A última hora*; segundo consta, o jornal passava por violenta crise financeira e reduziu o pessoal (sic) da redação.

Coincidentemente, nessa mesma época noticiava-se a segunda audiência de um processo até então quase desconhecido: desde outubro de 1976, o Ministério Público do Estado de São Paulo apresentava denúncia contra o autor da Coluna do Meio, como incurso no artigo 17, da lei número 5.250 (lei de imprensa). Artigo 17: ofender a moral e os bons costumes. Pena: detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano e multa de 1 (um) a 20 (vinte) salários-mínimos da região. (1978, p. 6).

Charaudeau, sobre a *descrição narrativa*, disserta que “este procedimento se assemelha à comparação, na medida em que é descrito um fato, ou contada uma história, para reforçar uma prova ou para produzi-la” (Charaudeau, 2012, p. 239). O autor completa ainda que a “descrição narrativa tem uma existência própria, pois pode servir para desenvolver um raciocínio dito “por analogia”, que produz um *efeito de exemplificação*” (ibid.).

A *exemplificação*, destacada anteriormente, parece se adequar ao propósito dos redatores da reportagem, uma vez que as injustiças cometidas contra Celso Cúri, de alguma forma, podem ser consideradas como um caso emblemático nas batalhas que serão travadas por *Lampião da esquina*, nos anos subsequentes a essa primeira edição. Parece haver, aqui, um alerta aos leitores a respeito dos potenciais perigos que os ensaístas do jornal irão enfrentar ao longo dos anos. Ainda nessa reportagem, existe uma vasta utilização da *citação*, como, por exemplo, na fala do advogado de Cúri, Luiz Gonzaga Modesto de Paula: “o processo nasceu do expediente de um determinado agente da Polícia Federal que subjetivamente considerou ‘ofensivos’ os artigos publicados [...]. O processo é fruto, portanto, de uma manifestação isolada e arbitrária” (ibid.). Todos esses elementos estratégicos – *acumulação, questionamento, citação e descrição narrativa* – funcionam como delimitadores do *projeto de fala* de uma reportagem sobre a atuação de um jornalista que, de alguma forma, dialoga com as atividades a serem desenvolvidas pelo *Lampião da esquina* até o ano de 1981.

Considerações finais

É possível notar que muitas matérias se apresentaram ausentes da presente análise. Além das chamadas citadas na capa, como o trabalho do artista plástico Darcy Penteado e a *descrição narrativa* da experiência no *cinema Iris*, existem outros conteúdos, no número zero do *Lampião da esquina*, que podem suscitar interessantes discussões. Poderíamos citar, por exemplo, a presença de poemas,

análise de peças teatrais e filmes, além de uma seção de cartas. O que se percebe, após uma leitura aprofundada, é um caráter heterodoxo, no que diz respeito ao conteúdo do jornal. Isso, em alguma medida, confere um tipo de plasticidade contratual, uma vez que os jornais, comumente, se inserem na visada informativa. *Lampião da esquina* rompe um pouco com esse contrato, pois ele apresenta uma estrutura similar à adotada por revistas, no sentido de trazer diversos tipos de conteúdos e abordagens, que vão desde o imediatismo da informação ao aprofundamento de reportagens, que lidam com costumes e valores culturais. Nesse sentido, se nota uma proeminente visada identitária. Há um implícito, a partir de toda a estruturação jornalística, isto é, sub-repticiamente, o que se almeja é transmitir os anseios de uma classe estigmatizada. Nesse sentido, percebemos que o veículo midiático analisado tem um grande potencial para ser incorporado como um objeto a ser pesquisado por futuros trabalhos em análise do discurso, pois ele suscita questões pertinentes a serem discutidas por pesquisadores inseridos nesse campo do saber.

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coordenação da equipe de tradução Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **O discurso das mídias**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

GREEN, James N; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

Lampião da esquina, Rio de Janeiro, n. zero, abr. 1978. Disponível em: <[http:// www.grupodignidade.org.br](http://www.grupodignidade.org.br)>. Acesso em 18 abr. 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. Doze conceitos em análise do discurso. In: SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília Perez; POSSENTI, Sírio (Orgs.). Tradução de Adail Sobral... [et al]. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Álvaro Cabral. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. – 5ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2014.

ORLANDI, Eni Pulccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

Filmografia

Lampião da esquina. Lívia Perez e Noel Carvalho. Documentário. Brasil: Doctela, em parceria com o Canal Brasil, 2016. 85 min, cor.

Perdidos na noite. John Schlesinger. EUA, 1969. 113 min, cor.

Sem destino. Dennis Hopper. EUA, 1969. 94 min, cor.